

## IDENTIDADE E OCUPAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM HEMODIÁLISE

Identity and occupation: the experience of women on hemodialysis

Identidad y ocupación: la experiencia de mujeres en hemodiálisis

Bruna Eliane da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-8609-7530>

Universidade Federal de Minas Gerais, Pós-Graduação em Estudos da Ocupação, Minas Gerais, MG, Brasil.

Claudia Franco Monteiro

<https://orcid.org/0000-0001-6806-608X>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Departamento de Terapia Ocupacional, Uberaba, MG, Brasil.

Cristiane Miryam Drumond de Brito

<https://orcid.org/0000-0002-2802-2119>

Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Terapia Ocupacional, Minas Gerais, MG, Brasil.

**Introdução:** A Doença Renal Crônica (DRC) caracteriza-se pela perda progressiva e irreversível da função renal, afetando múltiplas dimensões da vida de pessoas em terapia renal substitutiva. Este estudo teve como objetivo analisar os impactos da hemodiálise no cotidiano de mulheres, a partir de suas experiências, desafios e estratégias de enfrentamento. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com o método Fotovoz, em um hospital público universitário no interior de Minas Gerais. As participantes registraram aspectos do cotidiano por meio de fotografias, discutidas em grupo. Os dados foram analisados com base em núcleos de significação. **Resultados:** Participaram oito mulheres em tratamento hemodialítico, majoritariamente negras ou pardas. As experiências revelaram quatro núcleos centrais: ressignificação do cuidado; adaptações alimentares; transformações no trabalho; e interrupções ou redescobertas no lazer, evidenciando mudanças significativas na rotina e na identidade dessas mulheres. **Discussão:** A pesquisa evidenciou os impactos multidimensionais da hemodiálise, especialmente no autocuidado, nas práticas de lazer e nas relações de trabalho, mediadas por fatores de gênero, condições socioeconômicas e estratégias de resiliência. **Conclusão:** A hemodiálise afeta intensamente o cotidiano das mulheres, exigindo adaptações complexas. Destaca-se a importância de abordagens de cuidado integral que contemplem as dimensões biológicas, emocionais e sociais. O estudo contribui para a Terapia Ocupacional ao ampliar a compreensão sobre barreiras e possibilidades de participação social no contexto da hemodiálise.

**Palavras-chave:** Mulheres. Atividades Cotidianas. Unidades Hospitalares de Hemodiálise. Terapia Ocupacional.

**Abstract: Introduction:** Chronic Kidney Disease (CKD) is characterized by the progressive and irreversible loss of kidney function, affecting multiple dimensions of the lives of individuals undergoing renal replacement therapy. This study aimed to analyze the impacts of hemodialysis on the daily lives of women, based on their experiences, challenges, and coping strategies. **Methods:** This is a qualitative study conducted using the Photovoice method, in a public university hospital in the interior of Minas Gerais, Brazil. The participants captured aspects of their daily lives through photographs, which were later discussed in group settings. Data were analyzed based on meaning cores. **Results:** Eight women undergoing hemodialysis participated in the study, most of whom identified as Black or mixed-race. Their experiences revealed four central themes: redefinition of care; dietary adaptations; changes in work life; and interruptions or rediscoveries in leisure activities, highlighting significant transformations in their routines and identities. **Discussion:** The research revealed the multidimensional impacts of hemodialysis, especially on self-care, leisure practices, and work relationships, all mediated by gender roles, socioeconomic conditions, and resilience strategies. **Conclusion:** Hemodialysis profoundly affects women's daily lives, requiring complex adaptations. The study underscores the importance of comprehensive care approaches that address biological, emotional, and social dimensions. It contributes to the field of Occupational Therapy by expanding the understanding of barriers and possibilities for social participation among women undergoing hemodialysis.

**Keywords:** Women. Activities of Daily Living. Hemodialysis Units Hospital. Occupational Therapy

**Resumen: Introducción:** La Enfermedad Renal Crónica (ERC) se caracteriza por la pérdida progresiva e irreversible de la función renal, afectando múltiples dimensiones de la vida de las personas en terapia de reemplazo renal. Este estudio tuvo como objetivo analizar los impactos de la hemodiálisis en la vida cotidiana de mujeres, a partir de sus experiencias, desafíos y estrategias de afrontamiento. **Métodos:** Se trata de una investigación cualitativa, realizada mediante el método Fotovoz, en un hospital universitario público en el interior del estado de Minas Gerais, Brasil. Las participantes registraron aspectos de su vida diaria a través de fotografías, las cuales fueron discutidas en grupos. Los datos fueron analizados a partir de núcleos de significación. **Resultados:** Participaron ocho mujeres en tratamiento hemodialítico, en su mayoría negras o mestizas. Las experiencias compartidas revelaron cuatro núcleos centrales: resignificación del cuidado; adaptaciones alimentarias; transformaciones en el trabajo; e interrupciones o redescubrimientos del ocio, evidenciando cambios significativos en la rutina y la identidad de estas mujeres. **Discusión:** La investigación evidenció los impactos multidimensionales de la hemodiálisis, especialmente en el autocuidado, las prácticas de ocio y las relaciones laborales, mediadas por factores de género, condiciones socioeconómicas y estrategias de resiliencia. **Conclusión:** La hemodiálisis afecta profundamente la vida cotidiana de las mujeres, exigiendo adaptaciones complejas. Se destaca la importancia de enfoques de atención integral que contemplem las dimensiones biológicas, emocionales y sociales. El estudio contribuye a la Terapia Ocupacional al ampliar la comprensión sobre barreras y posibilidades de participación social en el contexto de la hemodiálisis.

**Palabras-clave:** Mujeres. Actividades Cotidianas. Unidades de Hemodiálisis en Hospital. Terapia Ocupacional

### Como citar:

R Silva, B. E.; Monteiro, C. F.; Brito, C. M. D. (2025). Identidade e ocupação: a experiência de mulheres em hemodiálise. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(3), 3467-3483, DOI: 10.47222/2526-3544.rbto67528

### Introdução

A Doença Renal Crônica (DRC) é caracterizada pela lesão renal e pela perda gradual e irreversível da função dos rins, abrangendo aspectos glomerulares, tubulares e endócrinos. Ela é dividida em cinco fases, sendo sua fase mais avançada, conhecida como fase terminal da Insuficiência Renal Crônica (IRC), nesse momento os rins não conseguem mais manter a normalidade do ambiente interno do paciente e os distúrbios metabólicos podem tornar-se graves. Portanto, nesta fase, há necessidade de Terapia Renal Substitutiva (TRS) ou Transplante de rim (Gesualdo *et al.*, 2020)

No Brasil, a hemodiálise é o método de TRS mais utilizado (Morch & Veronesse, 2011). Na maioria dos casos, a hemodiálise requer tratamento pelo menos duas vezes por semana, durante quatro horas por dia. Esse tipo de procedimento pode resultar em diversas situações desafiadoras para a pessoa, como isolamento social, perda de emprego, perda de autonomia, falta de interesse no autocuidado devido a mudanças na aparência física, comprometimento motor, diminuição da autoestima, insegurança (Morch & Veronesse, 2011).

A relação entre a DRC e a ruptura do cotidiano mostra-se profunda e multifacetada, afetando não apenas a saúde física, mas também aspectos emocionais, sociais e financeiros da vida das pessoas com essa doença. O apoio adequado, a educação sobre a condição de saúde e as estratégias de manejo são cruciais para lidar com essa ruptura e alcançar a melhor qualidade de vida possível (Menezes *et al.*, 2017).

Recentemente, DRC tem recebido maior atenção devido ao significativo aumento de pacientes acometidos por essa condição. Estudos nessa área têm apontado a predominância da DRC no sexo. No entanto, no Brasil, há uma crescente constatação do aumento de casos dessa doença, o censo brasileiro de diálise aponta um crescimento de mais de 100% dos casos quando analisamos os casos de pessoas em diálise nos últimos 10 anos, crescendo também os casos entre as mulheres, o que suscita reflexões sobre os impactos enfrentados por elas (Nerbass *et al.*, 2025).

Conforme relatado por Gaino *et al.* (2019), as mulheres em geral enfrentam desafios significativos na busca por oportunidades para zelar por sua própria saúde e bem-estar, uma vez que desempenham um papel central nas responsabilidades de cuidado familiar e têm uma carga de trabalho contínua e extenuante, o que absorve substancialmente seu tempo e energia.

Atualmente, os estudos sobre o cotidiano se concentram nos aspectos simples e comuns da vida de homens e mulheres (Huesca & Hennington, 2022). Os estudiosos desse campo compreendem que as situações cotidianas são testemunhas de um espaço-tempo moldado pela cultura, pelas histórias de vida e pelas relações sociais. Ao explorar o cotidiano, é possível acessar a experiência, a realidade, o mundo imaginário, a memória, os sonhos, os sentimentos, as necessidades e os afetos. Além disso, a análise do cotidiano permite compreender os modos de pensar, agir e sentir de indivíduos e grupos, assim como as representações que eles criam em meio à ideologia dominante, que estabelece normas e leva à instrumentalização da vida diária. Em essência, o cotidiano é um espaço de experiência e conhecimento significativo (Galheigo, 2020). A Terapia Ocupacional, como campo de estudo e atuação, desempenha um papel essencial na análise das dinâmicas do cotidiano e no desenvolvimento de estratégias que reduzam os impactos da doença, favorecendo a inclusão e a participação social dessas (Trevisana *et al.*, 2019).

A análise do papel da mulher na sociedade e sua relação com o processo de adoecimento crônico revela complexidades profundas e conexões vitais (Franca & Henrich, 2021). A discussão em torno de gênero e desigualdade lança luz sobre as trajetórias das mulheres, e o que impacta em sua participação em diversas esferas sociais. O processo de adoecimento crônico, especialmente no contexto IRC, acrescenta desafios singulares para as mulheres (Ribeiro *et al.*, 2020). A interação entre a DRC e a rotina cotidiana realça a relevância do ambiente diário na construção da identidade e do bem-estar pessoal. A intersecção entre gênero, cotidiano e adoecimento crônico ressalta a necessidade de abordagens abrangentes e sensíveis, capazes de considerar as múltiplas dimensões das vidas das mulheres afetadas (Ribeiro *et al.*, 2020).

Apesar da crescente presença de mulheres em tratamento hemodialítico, os impactos dessa condição sobre seu cotidiano ainda são pouco explorados na literatura. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar os impactos da hemodiálise no cotidiano, considerando suas experiências, desafios e estratégias de enfrentamento.

## **Métodos**

Esta pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, que se concentra nos significados e valores atribuídos pelas pessoas a determinadas situações de vida. Essa metodologia visa aprofundar a compreensão das relações humanas, interpretando os dados com base no valor que os próprios participantes atribuem ao fenômeno estudado (Gil, 2002).

Nesse contexto, esta pesquisa utilizou o método Fotovoz (Photovoice), que permite investigar os ambientes sociais e a interação dos participantes com suas comunidades. A metodologia envolve o registro fotográfico realizado pelos participantes, seguido de discussões sobre as imagens, fortalecendo o vínculo entre eles e o pesquisador (Martínez-Guzmán, 2018). Amplamente empregado na Saúde Pública, o Fotovoz promove uma coleta de dados inclusiva é benéfica para os cuidados clínicos, integrando outras formas inovadoras de suporte à comunicação, como desenhos, vídeos e mapas, para aprimorar a interação e o diálogo entre pacientes e pesquisadores (Lorenz & Chilingirian, 2010). Conforme Mineirinho (2017), a fotografia participativa, como uma subdivisão das Pesquisas-Ação, destaca-se por seu caráter colaborativo, beneficiando grupos marginalizados e minorias frequentemente excluídos das discussões e formulações de políticas públicas. Essa abordagem integra objetivos de ação e pesquisa, promovendo transformações em contextos específicos e ampliando a compreensão dos pesquisadores sobre discursos fotográficos, dinâmicas comunitárias e interações sociais, ao mesmo tempo em que valoriza o conhecimento experiencial e facilita a colaboração na pesquisa (Mineirinho, 2017).

A pesquisa foi desenvolvida em um hospital público universitário situado no interior do estado de Minas Gerais. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da referida instituição, sendo aprovado sob o parecer nº 5.699.591. A escolha do local justificou-se pelo vínculo profissional da pesquisadora principal com a Unidade de Terapia Renal (UTR), setor em que o estudo foi conduzido. Os critérios de inclusão da pesquisa foram: ser mulher em tratamento de hemodiálise para IRC na UTR há mais de um mês; ter idade igual ou superior a 18 anos; e possuir habilidade para utilizar o celular no registro de fotos. Das 15 mulheres em tratamento hemodialítico convidadas para a pesquisa, sete

declinaram do convite por diversos motivos, como a falta de interesse em utilizar dispositivos para capturar imagens, o desconforto com o envio das fotos, e o mal-estar vivido durante as sessões de hemodiálise, entre outros. Assim, participaram do estudo oito mulheres.

Foram realizados quatro encontros com as participantes deste estudo, entre novembro de 2022 e março de 2023. O primeiro encontro ocorreu de forma individual, enquanto os demais foram realizados em grupo.

As mulheres que aceitaram participar, responderam a um questionário para contextualização do perfil sociodemográfico. Além disso, receberam orientações sobre como fazer o registro fotográfico pelo celular e sobre como selecionar fotos que elas já tinham tirado após o início do tratamento de hemodiálise. Neste contexto, foi ressaltado que a qualidade dos registros depende da luz natural com uso do flash apenas quando a luminosidade não for suficiente. Além disso, foi orientado que o registro deveria conter preferencialmente objetos, paisagens e espaços que representassem as ideias a serem discutidas. E ainda, que o registro com pessoas deveria ser feito impedindo a identificação ou com tarja para garantir a preservação da identidade. As participantes foram orientadas em relação ao número mínimo e máximo e de fotos por encontro e as fotos deveriam ser enviadas para a pesquisadora principal pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, sem edição.

Os encontros em grupo aconteceram nas salas de procedimentos durante as sessões de hemodiálise das participantes. Foram realizados dois grupos por dia, um no período da manhã e outro à tarde, com duração média de 40 minutos cada. Participaram dos grupos a pesquisadora principal, atuando como mediadora, sendo responsável por projetar as imagens e conduzir os diálogos, e as mulheres em tratamento. As fotografias, deveriam ser previamente enviadas pelas participantes, e foram exibidas por meio de data show durante os encontros. Todas as sessões foram gravadas com o uso de um gravador de áudio, a fim de possibilitar a posterior transcrição e análise pelas pesquisadoras envolvidas no estudo.

A análise de dados seguiu a metodologia dos núcleos de significação, conforme delineado por Aguiar *et al.* (2021), oferecendo uma abordagem estruturada e cuidadosa para interpretar os dados. Inicialmente, foi feita a elaboração de pré-indicadores, baseada em leituras repetidas dos textos e imagens. Em seguida, identificou-se indicadores relevantes. O passo seguinte, foi a construção dos núcleos de significados, que representa o ápice desse processo, destacando a singularidade de cada participante e sua relação com o contexto sociocultural que moldou suas experiências. Esse enfoque em considerar tanto a individualidade dos participantes quanto o ambiente social mais amplo contribui para uma análise abrangente e enriquecedora, que captura a complexidade das experiências humanas e ressalta a interconexão entre os elementos estudados (Aguiar *et al.*, 2021).

## Resultados

O quadro 1 apresenta a caracterização socioeconômica das participantes, evidenciando fatores como idade, escolaridade e comorbidades. Participaram deste estudo oito mulheres, com idade média de 56 anos. A maioria se autodeclarou negra ou parda, possuindo baixa escolaridade e baixa renda – fatores que podem influenciar o acesso a recursos de saúde. Além disso, grande parte apresentava comorbidades como hipertensão e diabetes, condições que impõem restrições adicionais ao tratamento hemodialítico.

**Quadro 1:** Contextualização Socioeconômica das participantes.

Participante	Idade (anos)	Raça	Escolaridade	Estado Civil	Comorbidades	Média de renda familiar (Salário-mínimo)
1	44	Negra	Ensino médio completo	Solteira	Diabetes Mellitus	1
2	43	Branca	Ensino fundamental incompleto	Casada	Hipertensão Arterial Sistêmica	1,5
3	59	Branca	Ensino fundamental incompleto	Casada	Hipertensão Arterial Sistêmica	2
4	51	Parda	Ensino fundamental incompleto	Casada	Diabetes Mellitus/ Hipertensão Arterial Sistêmica	4
5	60	Negra	Ensino fundamental incompleto	Viúva	Hipertensão Arterial Sistêmica	1,5
6	44	Parda	Ensino fundamental incompleto	Casada	Hipertensão Arterial Sistêmica	2
7	57	Negra	Ensino fundamental incompleto	Solteira	Diabetes Mellitus/	1
8	77	Parda	Ensino fundamental incompleto	Casada	Hipertensão Arterial Sistêmica	1,5

**Fonte:** Elaborada pelos autores

Em relação ao conteúdo dos grupos, emergiram diversas temáticas comuns, os pré-indicadores foram lazer, cuidado com a casa, cuidado de si, cuidado de plantas, trabalho, alimentação e adoecimento. Com

base nesses pré-indicadores e nas expressões das participantes, foram estruturados quatro núcleos centrais de significado: (1) O cuidado e suas faces; (2) Alimentação e seus significados; (3) O trabalho e suas modificações; e (4) O lazer com interrupções e ressignificação.

### **Núcleos de significação:**

#### **1. O cuidado e suas faces**

O cuidado foi ressignificado após o início da hemodiálise pelas mulheres entrevistadas. Elas falaram sobre ocupações relacionadas ao cuidado pessoal e valorização da autoestima em casa, bem como na manutenção de laços afetivos e cuidados domésticos. As experiências e atitudes das participantes em relação a esse processo puderam ser observadas por meio de suas declarações e da Imagem 1 e 2.

Eu gosto de tomar banho e passar um creme, passar no perfume, fazer a unha, hoje eu não tô com a unha pronta não, né. Mas eu tirei o esmalte que a netinha sempre faz. [...] eu me cuido muito! Tem que se cuidar, né? Tem que se cuidar todo dia (Participante 8).

Eu tomei banho e ele [o filho] passou um creme no meu pé, fez massagem e eu adoro esses momentos (Participante 5).

Eu amo limpar minha casa. Eu gosto de limpar minha casa e me divertir é muito bom, eu gosto das minhas coisas organizadas (Participante 3).



**Imagem 1:** Meu grande prazer

**Fonte:** Participante 3



**Imagem 2:** Eu consegui  
**Fonte:** Participante 4

## 2. Alimentação e seus significados

As participantes relataram transformações significativas na alimentação, que passaram a estar associadas a restrições, culpa e lembranças afetivas, tornando a relação com a comida mais complexa após o início da hemodiálise.

Antes eu bebia [bebida alcoólica], eu gostava de uma caipivodka. Uma latinha [de cerveja] eu tomo hoje, né. Mas não passa de uma latinha não, porque eu não faço mais xixi. Aí na segunda-feira, chega aqui daquele jeito né? E eu não dou conta de tirar 10 kg de jeito nenhum (Participante 5).

Hoje é mais complicado, porque, antes de fazer hemodiálise, a gente podia comer as coisas sem culpa, sabe. Às vezes, a gente come coisas tipo pizza (Imagem 3), salgados e fica com sentimento de culpa. A gente bebe um refrigerante e aí a gente fica com sentimento de culpa. Pensando que eu não deveria ter bebido, porque eu vou pegar peso. Um negócio assim, agora é complicado. Antes, a gente não tinha restrição de nada, a gente podia comer e beber tudo [...] Nossa minha cunhada fez uma feijoada maravilhosa nesse tempo! Eu comi um pouco lá em casa, eu comi três vezes, sem exagerar. Comi três vezes um pouquinho. (Participante 3).

Ponho tudo na sopa: coloco até jiló, repolho, tudo! Batata... fora macarrão! A maioria das vezes, eu faço e não posso comer, mas minha filha adora (Participante 2).

Chega numa festa, alguma coisa assim e a gente não pode comer muito. Mas é isso, sabe? O que eu faço é ficar sem beber nada o dia inteiro, sem comer nada o dia inteiro, aí de noite, eu vou para festa. Eu vou e como muito (Participante 1). (Imagem 4).



**Imagem 3:** Vontades

**Fonte:** Participante 2



**Imagem 4:** Minha família ama minha comida

**Fonte:** Participante 1.

### 3. O trabalho e suas modificações

As entrevistadas descreveram suas atividades de trabalho antes e depois do adoecimento. Algumas falaram da jornada dupla de trabalho que exerciam previamente ao adoecimento. Nesses casos, elas interromperam a atividade laboral ao iniciar a hemodiálise, no entanto, as atividades domésticas foram mantidas. As mulheres também descreveram como a relação com o trabalho foi afetada, sendo que uma conseguiu modificar a forma de executá-lo e as demais tiveram que interrompê-lo, por causa da mudança na rotina.

Antes era normal, eu trabalhava fora, eu trabalhava na minha casa (Imagem 5). Aí depois, eu fiquei doente, aí não consegui voltar (Participante 5).

Eu vendo sabão, sempre vendi, sempre foi meu trabalho, eu faço e vendo. Não é como antes, mas eu me viro (Participante 6) (Imagem 6).

Trabalhei em restaurante, já fui manicure, já fiz faxina, trabalhei na casa de pessoas. Eu fiz muita coisa e eu gostava muito, porque você vai trabalhar, você tem seu dinheiro, você pode fazer suas coisas, é muito bom. Sinto falta hoje (Participante 3).



**Imagem 5:** Minhas panelas têm que brilhar  
**Fonte:** Participante 5



**Imagem 5:** Minha luta

**Fonte:** Participante 6

#### 4. O lazer com interrupções e ressignificação

A ressignificação do lazer por meio do cuidado com plantas (Imagem 6), culinária e redes sociais demonstra a capacidade de adaptação das participantes. Esses achados sugerem a importância de estratégias terapêuticas que incentivem o engajamento em atividades prazerosas e acessíveis, promovendo qualidade de vida (Imagem 7).

Mas agora viajar não tem jeito, não pode viajar, né? Porque tem que fazer hemodiálise. Mas ficou limitado de viajar e ficar mais tempo com a família, você tem que ir numa sexta e voltar no domingo. Você gostaria de ficar mais, mas não pode. [...]. Eu gosto de mexer nas minhas plantinhas, gosto de cuidar delas, gosto de cuidar. Para mim é muito importante (Participante 3)

Ah, eu gostava de viajar. Mas agora eu não to indo mais não. Tenho muita dificuldade. Mas antes eu ia muito para Sertãozinho [estado de São Paulo], onde meu irmão morava. Mas agora, não tem como. [...] tenho ficado mais restrita às redes sociais. Redes sociais e um jogo com a família... às vezes jogo no celular também (Participante 1).

Aí falo com meus netos: "depois nós vamos fazer pão de queijo, mas dançar eu não dou conta mais não". Eu sou mais do tipo de ouvir uma música. Antes [de adoecer], eu adorava dançar. (Participante 4).



**Imagem 6:** Minhas plantinhas

**Fonte:** Participante 7



**Imagem 7:** Vou ali

**Fonte:** Participante 1.

A emergência orgânica dos temas a partir das fotografias trouxe reflexões sobre o uso da arte como ferramenta de expressão e conexão, aspecto que pode ser integrado a práticas terapêuticas ocupacionais no contexto da intervenção e suporte psicossocial. Apesar dos desafios enfrentados pelo grupo, como problemas de saúde em decorrência da hemodiálise e perdas pessoais, como falecimento de entes

queridos e colegas de tratamento, gerando vários momentos de comoção, isso evidenciou a complexidade da vida de cada uma. No entanto, o respeito mútuo e a empatia foram fundamentais para que cada participante conduzisse a conversa ao seu próprio ritmo. Isso não apenas fortaleceu os vínculos entre elas, mas também enfatizou a importância de criar espaços seguros e inclusivos para compartilhar histórias e emoções, promovendo resiliência e apoio mútuo. No final, esses encontros contribuíram significativamente para a construção de uma comunidade solidária e empática entre as participantes.

## **Discussão**

A análise dos núcleos de significados, como evidenciado em um estudo qualitativo com mulheres em hemodiálise, utiliza a discussão em grupo e as imagens produzidas pelas participantes, destacando mudanças significativas em suas vidas. A DRC apresenta impactos multidimensionais, afetando as ocupações significativas dos sujeitos em hemodiálise, que podem variar em diferentes ordens (Pereira & Mesquita, 2023). Essas transformações abrangem várias esferas, como cuidado, lazer, trabalho e alimentação, e são interconectadas, refletindo-se nas trajetórias pessoais das participantes. No estudo de Galvão *et al.* (2019), o enfrentamento no contexto de pacientes renais em hemodiálise é explorado, destacando que os mecanismos intersubjetivos podem atuar como fatores de proteção, conferindo novos significados à vida dos pacientes, promovendo mudanças no estilo de vida e aumentando a adesão ao tratamento. Dessa forma, a abordagem intersubjetiva pode complementar as intervenções terapêuticas ocupacionais, ao considerar as dimensões psicossociais do tratamento.

Com relação aos dados sociodemográficos, Saldanha *et al.* (2022) encontraram em seu estudo uma faixa etária semelhante à das nossas participantes. Segundo Gouvêa *et al.* (2018), a Doença Renal Crônica está intimamente ligada ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares (DCV). No presente estudo, as participantes compartilham fatores de risco, como hipertensão arterial e diabetes mellitus, o que se assemelha aos estudos publicados (Gouvêa *et al.*, 2023). Conforme destacado por Ferreira *et al.* (2022), indivíduos com melhores condições socioeconômicas tendem a estar menos expostos a esses fatores de risco. Esse achado sublinha a necessidade de considerar o contexto social e econômico ao investigar doenças crônicas e suas consequências na saúde populacional. Tais considerações são cruciais para desenvolver estratégias de intervenção mais eficazes e equitativas, especialmente em populações vulneráveis (Ferreira *et al.*, 2022).

O primeiro núcleo a ser analisado no presente estudo é a relação das participantes com o cuidado. Elas enfatizaram a importância de se dedicarem a várias áreas de cuidado, incluindo o autocuidado, a manutenção da casa e a satisfação que obtêm com o cumprimento dessas responsabilidades. Apesar dos possíveis ajustes no contexto atual, esses papéis permanecem importantes. Essas tarefas são tecidas consistentemente ao longo da vida e podem ser adaptadas devido ao processo natural de crescimento e envelhecimento, bem como restrições temporárias ou permanentes decorrentes de condições de saúde. A estrutura patriarcal historicamente atribui certos papéis e responsabilidades com base nas normas de gênero, com as mulheres frequentemente sendo delegadas às funções domésticas e de cuidado (Costa *et al.*, 2016). A ênfase na dedicação das mulheres aos cuidados, manutenção da casa e autocuidado na discussão das participantes do presente estudo se alinha com essas expectativas tradicionais (Castanharo & Wolf, 2014). Muitas vezes, espera-se que as mulheres priorizem o bem-estar de suas

famílias e lares acima de suas próprias necessidades, o que pode levar à negligência de sua saúde e autocuidado (Castanharo & Wolf, 2014).

A alimentação vai além do aspecto individual, desempenhando um papel central na socialização humana (Carneiro, 2005). No contexto da hemodiálise, as restrições alimentares podem impactar as interações sociais, exigindo adaptação por parte dos pacientes. Este estudo evidencia que as participantes desenvolveram estratégias para manter sua participação social, como preparar refeições para a família ou consumir porções menores em eventos. A cultura alimentar reflete dinâmicas sociais e padrões de vida, sendo essencial sua análise para compreender os impactos dessas restrições no cotidiano (Azevedo, 2017; Carneiro, 2005). Nesse sentido, a educação em saúde desempenha um papel fundamental na promoção do autocuidado e na adaptação a essas restrições. Conforme Benites *et al.* (2022), a construção de tecnologias educativas voltadas para pessoas com DRC pode facilitar a compreensão e adesão a práticas que minimizem os impactos das restrições alimentares, promovendo maior autonomia e qualidade de vida. Assim, a informação qualificada e acessível pode contribuir para que essas mulheres encontrem estratégias mais eficazes para equilibrar suas necessidades alimentares com sua vida social.

O trabalho formal e informal, especialmente para mulheres com DRC em tratamento hemodialítico, estão diretamente relacionados à autonomia, identidade e manutenção do papel social. Conforme analisado neste estudo, muitas das participantes desempenhavam funções ligadas ao cuidado, mas o adoecimento impôs limitações que interromperam ou modificaram suas atividades laborais. A pesquisa de Júnior & Lima (2021) aponta que o trabalho vai além do sustento financeiro, sendo um elemento essencial para a construção do ser social e da independência. Essa perspectiva se alinha ao estudo de Cruz *et al.* (2016), que discute os significados do trabalho para pessoas com DRC, evidenciando que, apesar das dificuldades impostas pelo tratamento, muitos pacientes buscam manter suas atividades laborais, seja por necessidade econômica ou pela importância simbólica do trabalho em suas vidas. Além disso, a sobrecarga gerada pela jornada dupla conciliando emprego formal e responsabilidades domésticas reforça as desigualdades de gênero e os desafios enfrentados por essas mulheres. No entanto, o prazer relatado pelas participantes em exercer suas funções indica que o trabalho continua sendo um espaço de pertencimento e reconhecimento social, mesmo diante das adversidades impostas pela doença.

Mayor *et al.* (2020) relatam que em geral a participação das mulheres nas atividades, que vão desde esportes a eventos culturais e turismo, tem sido historicamente menor entre as mulheres em comparação com os homens. Uma das principais razões para essa disparidade é a sobrecarga de trabalho e tarefas de cuidados ao longo da vida. Essas condições impostas ao longo do tempo têm limitado o tempo e a energia que as mulheres podem dedicar ao lazer. Esse fato no que se refere aos eventos culturais e esportes pode ser observado em nossas participantes. A pesquisa revela que as participantes frequentemente buscam a companhia de amigos e familiares para criar oportunidades de lazer em suas casas e nas casas de outros. O lazer, para elas, está profundamente ligado a encontros sociais, cuidado com familiares e trocas interpessoais. A vida em comunidade desempenha um papel significativo nesse aspecto, e o ambiente familiar, juntamente com a presença da televisão, emerge como elementos essenciais nas atividades de lazer dessas mulheres, adaptando-se às suas circunstâncias socioeconômicas (Batinga & Pinto, 2020). A experiência do adoecimento crônico fez com que essas mulheres mudassem e adaptassem suas práticas adicionando atividades e modificando a forma do fazer,

porém, a essência e o perfil das atividades foram mantidos. Essa pesquisa destaca a importância de reconhecer as dinâmicas de gênero nas atividades de lazer e promover a igualdade de oportunidades.

A DRC impõe desafios ocupacionais significativos, alterando as rotinas diárias das mulheres participantes. Como apontado por Pereira *et al.* (2020), a privação ocupacional e as mudanças nas atividades previamente valorizadas podem gerar impactos emocionais e sociais, demandando estratégias que promovam a continuidade de ocupações significativas, mesmo diante das restrições impostas pelo tratamento. Nesse sentido, o presente estudo enfatiza não apenas os desafios impostos pelo adoecimento crônico e as questões de gênero, mas também a maneira como as mulheres em hemodiálise enfrenta suas práticas cotidianas enquanto cuidam de sua saúde. A resiliência das participantes emerge como um aspecto central, evidenciando que, apesar das limitações, elas buscam ressignificar suas atividades diárias. Considerar o contexto individual de cada mulher torna-se essencial para compreender seu percurso e identificar estratégias que favoreçam a manutenção da autonomia e do bem-estar ocupacional.

## **Conclusão**

Este estudo buscou compreender os impactos da DRC e do tratamento hemodialítico na vida cotidiana das mulheres participantes, considerando as transformações em suas ocupações significativas. A partir da análise dos núcleos de significados, foi possível identificar que o adoecimento impôs mudanças substanciais em diferentes dimensões da vida dessas mulheres, especialmente no trabalho, no cuidado, na alimentação e no lazer.

Os resultados evidenciam que, embora a hemodiálise limite algumas atividades e modifique a rotina dos sujeitos, suas identidades ocupacionais não são totalmente rompidas. Muitas delas adaptam suas práticas diárias, ressignificando suas funções e buscando estratégias para manter a autonomia e o bem-estar.

Além disso, o estudo aponta a necessidade de considerar a interseção entre gênero e adoecimento crônico, uma vez que as mulheres enfrentam desafios adicionais decorrentes da sobrecarga de trabalho doméstico e do papel historicamente atribuído ao cuidado. A permanência dessas desigualdades reforça a importância de políticas públicas e estratégias de intervenção que promovam suporte adequado para essas mulheres, favorecendo condições que ampliem sua participação social e autonomia.

Esta pesquisa, ao investigar os impactos da hemodiálise no cotidiano de mulheres, contribui para a Terapia Ocupacional ao ampliar a compreensão das barreiras e potencialidades para a participação social dessas pessoas. Além disso, dialoga com áreas interdisciplinares, fornecendo subsídios para a construção de práticas mais inclusivas na assistência à saúde. Ao compreender como essas mulheres ressignificam suas atividades e enfrentam os desafios impostos pela DRC, podemos contribuir para o desenvolvimento de ações mais eficazes na promoção da qualidade de vida e no fortalecimento da autonomia dessas pacientes.

## **Referências**

- Aguiar, W. M. J. Aranha, E. M. G., & Soares, J. R. (2021). Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, 51, 00-00. <https://doi.org/10.1590/198053147305>
- Azevedo, E. (2017). Alimentação, sociedade e cultura: Temas contemporâneos. *Sociologias*, 19(44), 276-307. <https://doi.org/10.1590/15174522-019004412>
- Batinga, G. L., & Pinto, M. R. (2020). "Lazer?! Para mim?!": Consumo de lazer por mulheres de baixa renda. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 6(3), 78-97. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/19394>
- Benites, G. O. Figueiredo, P. P., Canuso, L. D. S., & Francioni, F. F. (2022). Construção de tecnologia educativa para o autocuidado de pessoas com doença renal crônica em hemodiálise. *Research, Society and Development*, 11(2), 1-15. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i1.22269>
- Carneiro, H. S. (2005). Comida e sociedade: Significados sociais na história da alimentação. *História: Questões e Debates*, 42(1). <https://doi.org/10.5380/his.v42i0.4640>
- Castanharo, R. C. T., & Wolf, L. D. G. (2014). O autocuidado sob a perspectiva da Terapia Ocupacional: Análise da produção científica. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 22(1), 175-186. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.019>
- Costa, L; Bresan, D; Kawakame, P & Sales, A. (2016). Percepções de uma Comunidade Ribeirinha residente no Passo Do Lontra acerca da Hipertensão Arterial Sistêmica: uma abordagem Transcultural. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2,155-164.
- Cruz, V.F., V. F. E. S., Tagliamento, G., & Wanderbroocke, A. C. (2016). A manutenção da vida laboral por doentes renais crônicos em tratamento de hemodiálise: Uma análise dos significados do trabalho. *Saúde e Sociedade*, 25(4), 1050-1063. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016155525>
- Ferreira, R. B. S; Azevedo, L.R; Oliveira, D.S & Guimarães, C.F. (2022) Repercussões da insuficiência renal crônica no contexto biopsicossocial de pessoas em tratamento hemodialítico. *Enfermería Actual de Costa Rica*, 43, 00-00.
- Franca, T. F. S., & Henrich, G. (2021). Viver e resistir: A luta de mulheres portadoras de doença renal crônica. *Revista Ciência & Humanização do Hospital de Clínicas de Passo Fundo – RECHHC*, 1(2), 24-41. <https://doi.org/10.29327/2185320.1.2-2>
- Gaino, L. V., Almeida, L. Y. Oliveira, J. L., Nievas, A. F., Saint-Arnault, D., & Souza, J. (2019). O papel do apoio social no adoecimento psíquico de mulheres. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 27, 00-00. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2877.3157>
- Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: Aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2(1), 5-25. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>

- Galvão, J. O. Matsuoka, E. T. M., Castanha, A. R., & Furtado, F. M. S. F. (2019). Processos de enfrentamento e resiliência em pacientes com doença renal crônica em hemodiálise. *Contextos Clínicos*, 12(2), 659-684. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.13>
- Gesualdo, G. D., Duarte, J. G. Zazzetta, M. S., Kusumota, L., & Souza, F. (2020). Fragilidade e fatores de risco associados em pacientes com doença renal crônica em hemodiálise. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(11), 4631-4637. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202511.03482019>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar Projetos de Pesquisa* (4ª ed.). Editora Atlas. URL: <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>
- Gouvêa, E. de C. D. P. Ribeiro, A. M., Aquino, E. C. de, & Stopa, S. R. Tendência da mortalidade por doença renal crônica no Brasil: Estudo ecológico. (2023). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23(3), 00-00. <https://doi.org/10.1590/S2237-96222023000300010>
- Huesca, I. M & Hennington, E. (2022). Narrativas de adoecimento crônico: Histórias de vida e trabalho das mulheres com câncer do colo do útero. *New Trends in Qualitative Research*, 3, 00-00. <https://doi.org/10.36367/ntqr.13.2022.e673>
- Júnior, L. C. L., & Lima, N. N. F. (2021). Relação da qualidade de vida e as doenças crônicas. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(5), 21426-21439. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-232>
- Lorenz, L. S., & Chilingirian, J. A. (2010). Using visual and narrative methods to achieve fair process in clinical care. *Journal of Visualization*, 38, 1-10. <https://doi.org/10.3791/2342>.
- Martínez-Guzmán, A., Prado-Meza, C. M., & Gonzáles, A. T. (2018). Una relectura de Fotovoz como herramienta metodológica para la investigación social participativa desde una perspectiva feminista. *Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, 41, 157-185. <https://doi.org/10.5944/empiria.41.2018.22608>
- Mayor, S. T. S. Silva, M. S., & Lopes, C. G. (2020). Perspectivas do lazer das mulheres com a pandemia do novo coronavírus: Reflexões a partir dos dados da pesquisa. *Revista Licere*, 23(3), 163-189. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25363>
- Menezes, H. F., Souza, F. S., Rosas, A. M. M. T. Ferreira, S. A. M. N., Santiago, A. S., & Oliveira, R. L. (2017). Características sociodemográficas, clínicas e subjetivas de clientes com doença renal crônica atendidos na consulta de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE online*, 11(5), 1858-1866. <https://doi.org/10.5205/reuol.11077-98857-1-SM.1105201715>
- Mineirinho, D. (2017). O olhar por diferentes lentes: O photovoice enquanto método científico participativo. *Discursos Fotográficos*, 13(23), 261-290. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n23p261>
- Morch, C., & Veronese, F. J. V. (2011). Doença renal crônica: Definição e complicações. *Revista HCPA*, 31(1), 114-115. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/20014>

Pereira, J. B., Almeida, M. H. M., Batista, M. P. P., & Toldrá, R. C. (2020). Contribuições da terapia ocupacional no atendimento a usuários com insuficiência renal crônica no contexto de hospitalização. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 575-599. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1855>

Pereira, N. C. S., & Mesquita, M. A. R. B. P. L. (2023). Terapia ocupacional no contexto da nefrologia: Revisão narrativa. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 7(4), 2166-2178. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto54141>

Ribeiro, W. A., Jorge, B. O., & Queiroz, R. S. (2020). Repercussões da hemodiálise no paciente com doença renal crônica: Uma revisão da literatura. *Revista Pró-UniverSUS*, 11(1), 88-97. <https://doi.org/10.21727/rpu.v11i1.2297>

Saldanha, F. B. N. H. N. L. F. Vieira Neto, T. O. M., Sesso, R., & Lugon, J. R. (2025). Censo Brasileiro de Diálise 2023. *Braz. J. Nephrol*, 47(1), 1-10: <https://doi.org/10.1590/2175-8239-JBN-2024-0081erpt>

Saldanha, F. B. N. H. N. L. F.; Vieira Neto, T.O.M.; Sesso, R & Lugon, J.R. (2022) Censo Brasileiro de Diálise 2021. *Braz. J. Nephrol*, 00(00),00-00.

Trevisana, A. R., Reksua, S., Almeida, W. D., & Camargo, M. J. G. (2019). A intervenção do terapeuta ocupacional junto às pessoas hospitalizadas: Adotando a abordagem dos cuidados paliativos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(1), 105-117. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1263>

**Contribuição dos autores:** B. E. S.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. C. F. M.: Análise dos dados, coorientação do trabalho, revisão do texto. C. M. D. B.: Orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto.

**Recebido em:** 11/03/2025

**Aceito em:** 29/05/2025

**Publicado em:** 31/07/2025

**Editor(a):** Ricardo Lopes Correia